

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BERNARDO SASSETTI — A MÚSICA COMO FICÇÃO

20 de Janeiro de 2022

### QUARESMA / 2003

*um filme de* JOSÉ ÁLVARO MORAIS

*Realização:* José Álvaro Morais *Argumento:* José Álvaro Morais, Jeanne Waltz *Fotografia:* Acácio de Almeida *Som* (Dolby Digital): Philippe Morel *Música:* Bernardo Sasseti *Decoração:* Maria José Branco *Guarda-Roupa:* Sílvia Grabowski *Interpretação:* Beatriz Batarda (Ana), Filipe Cary (David), Rita Durão (Lúcia), Ricardo Aibéo (Zé Guilherme), Laura Soveral (Maria Carvalho); Paula Guedes (Maria Ester), Fernando Heitor (Vasco), Rita Loureiro (Maria Antónia), Pietro Romani (Pi), Teresa Madruga (Julieta), Nuno Lopes (Filomeno), Cândido Ferreira (Sr. Fazenda), David Almeida (Pipa), etc.

*Produção:* Madragoa Filmes, Gemini Films, RTP-Radiotelevisão Portuguesa (Portugal, França, 2003) *Produtor:* Paulo Branco *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 95 minutos *Estreia em Portugal:* 3 de Outubro de 2003 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 30 de Março de 2004 (“A Ilha de Morais – Homenagem a José Álvaro de Morais”).

---

QUARESMA é um filme do vento do Norte. Em que se fala menos do que nos outros filmes de José Álvaro Morais e em que não se fala do Sul. O vento sopra e sopra do Norte, restando do Sul uma referência, se bem que essencial, longínqua, e uma vontade de exílio. É também um filme que permite recolocar termos, voltar a o BOBO para, de novo, questionar um país isolado e em ameaça de esterilização; contrapor a ZÉFIRO e a PEIXE LUA a geografia, a paisagem, as cores; retomar personagens em desequilíbrio e em fuga. A Serra da Estrela e a costa dinamarquesa situam-se nos antípodas das planícies do Sul ibérico e, colado àquelas, QUARESMA é definitivamente mais agreste do que os filmes anteriores de José Álvaro Morais. De certa forma, é também mais concentrado e, muito mais do que qualquer um dos outros, admiravelmente elíptico.

QUARESMA avança em progressão, sem as sobreposições espaço-temporais que marcam especialmente ZÉFIRO e PEIXE LUA, construídos como um puzzle cujos fragmentos vão progressivamente encaixando. Aqui as peças também encaixam, mas é sempre em frente – ou mais propriamente para cima, para a exposição ao dito vento norte em que conflui o centro do filme – que as personagens avançam, sem que isso queira necessariamente dizer que sigam ao encontro das saídas que procuram já que a dado momento todas elas serão detidas ou deter-se-ão. Depois das fugas, os regressos em PEIXE LUA já eram desencantados, mas a relação que entre estes dois filmes se estabelece passa sobretudo pela presença de Beatriz Batarda, vinda, como Ricardo Aibéo, de PEIXE LUA (e também Rita Durão, mas que no filme anterior fazia apenas uma figuração especial; e, de mais longe, do BOBO, Paula Guedes e Fernando Heitor). De resto, o projecto de QUARESMA terá, pelo menos em parte, passado pela vontade de José Álvaro Morais em filmar Beatriz Batarda “de um modo mais acossado”. De certa maneira, o entendimento entre ela e o filme, que gravita em torno da sua personagem se bem que a perspectiva que o conduz seja a de uma outra (David), confirma que o filme foi feito para ela.

Claro que com igual propriedade pode dizer-se que o que impera em QUARESMA é o entendimento/desentendimento que as personagens mantêm com a paisagem (a paisagem da

infância de José Álvaro Morais que viveu na Covilhã até aos 10 anos): a claustrofobia, o granito, o vento, os tons cinzentos que a fotografia de Acácio de Almeida torna igualmente cortante. Está em causa a pertença e a não pertença a um lugar. E também o luto – há vários lutos neste filme, incluindo a da inexplicada morte de uma espécie de duende da floresta que marca as duas partes de QUARESMA, fazendo-o seguir da Serra da Estrela para a Dinamarca numa progressão de silêncio, de cinzento. Bruscamente. Novamente em elipse: um comboio sai da Covilhã. Um avião aterra em solo dinamarquês. O que se passou entretanto fica por dizer. Não é preciso, o movimento das personagens é implosivo e secreto.

É também em elipse que se começa. Entra-se de chofre numa casa de fantasmas, para um velório e um enterro. Com a chegada de David, o protagonista interpretado pelo estreante Filipe Cary cuja perspectiva QUARESMA adopta. À medida que ele, vindo de Lisboa e a caminho da Dinamarca onde vai trabalhar como engenheiro de energias alternativas, cumprimenta quem está, conhecem-se as personagens, a família da alta burguesia que em tempos terá “reinado” na região. Seja porque “para se ser Príncipe é preciso estar disposto a, no fim, ir para o Inferno”, como diz a personagem “matriarca” de Laura Soveral, ou não, esses tempos passaram. Percebe-se logo. Familiares e amigos da casa são apresentados enquanto David os revê. Ana (a personagem de Batarda, mulher de Zé Guilherme/Ricardo Aibéo, primo de David) demora a aparecer no filme e surge primeiro como um vulto encarnado à mesa, depois do funeral. Não tarda nada que tome conta dele, como toma conta do tempo de David, por mais do que uma vez a adiar o regresso a Lisboa.

É por ela, uma personagem no fio da navalha, sempre vestida de encarnado, normalmente descalça, indiferente à temperatura gélida da Serra, que o filme é então tomado por uma vibração convulsa, sensorial, uma dimensão selvagem que se destaca pela diferença que a distingue dos espartilhos, pelo menos sociais, em que as outras personagens estão mais comedidamente situadas. Ela é a personagem que não se conforma, a mais vibrante. A que ainda acredita que é possível ser-se adivinhado. E aqui, o seu contraponto é sobretudo o das outras personagens femininas da Serra, de outras gerações – a serenidade marcada de Maria Carvalho/Laura Soveral ou a ainda perturbação de Maria Ester/Paula Guedes. Os passeios de Ana pela Serra mostram-no bem, e a sequência da noite lá no cimo, para mais perto do vento, para onde Ana arrasta David, melhor ainda. O exemplo de um plano: aquele em que Ana salta para as costas de um desprevenido David. Aliás, é depois desse salto que ela lhe diz o que se pressente ser verdadeiro – que ele é polido demais: “Só cumpres, não arriskas. Quem me ama tem de me adivinhar.” A paixão, em que ela viu a saída para a solidão, não se cumpre. Ele não chega a adivinhá-la. Mas antes que isso se perceba, parte-se para a Dinamarca, à distância de um plano (o da família de David, que tanto podia ser cá como lá, é o único que medeia entre o salto de tempo e geográfico).

Aí o cinzento é ainda mais forte, estende-se da terra ao mar, o vento é ainda mais forte e as cores de Ana também mudam, mas empalidecendo – ao encarnado sucede o menos aguerrido lilás. Ela ainda vem à procura do vento e de David, mas vem, mais dilacerada e mais muda, para se sacrificar. O que sucede. E o que lhe sucede é o longo travelling de David a percorrer uma estrada de bicicleta com a filha, já depois da desapareção de campo de Ana.

Maria João Madeira